

Êxodo

A large group of people, appearing as small figures, are walking in a long, winding line across a vast, orange desert dune. The dune is smooth and rounded, and the sky is a clear, pale blue. The people are dressed in dark clothing, and their shadows are cast on the sand. The overall scene conveys a sense of a long, arduous journey.

caminho de liberdade

O Antigo Oriente Médio e os patriarcas hebreus



- O Antigo Oriente Médio era uma área de importância estratégica, junção entre os continentes da África, Ásia e Europa. Nessa região se desenvolveram duas das primeiras grandes civilizações da humanidade: Mesopotâmia e Egito. A Mesopotâmia estava sujeita às invasões de povos das montanhas e nômades do deserto, enquanto o Egito estava mais isolado e seguro.

- O culto, nessa região, se concentrava na natureza. Os rios Tigre e Eufrates, na baixa Mesopotâmia, passavam por variáveis e imprevisíveis inundações. No Egito, ao contrário, havia um só rio, o Nilo, regular e previsível – isso infundiu nos faraós uma forte convicção de segurança que os elevou ao nível de deuses diante do povo.

- Os mesopotâmios tinham a impressão de que o destino de sua terra era decidido a cada ano pelos deuses e não por um Deus único, detentor do poder absoluto. O Egito, ao invés, considerava o seu mundo como resultado de um único processo criativo, assim como o Nilo era o único fator de sua economia. A autoridade do rei era absoluta e incontestável.

- Pelos meados do segundo milênio a.C., uma seca generalizada, devido à mudança brusca do clima na região, colocou em movimento certos povos do sudoeste asiático.

- Entre esses forasteiros (*hapiru* – hebreus) nômades estava *Abraão* que, por volta do século XVIII a.C., deixa, juntamente com sua esposa e outros semitas, a região de Harã ou Ur e se estabelece em Canaã (Gn 11,31.12,1-5), onde depara-se com o pensamento e o estilo de vida próprio dos cananeus.

- Com a instalação em Canaã inicia-se, também, o processo de inculturação. Adorador de *Sin* e *Ningal*, deuses locais de Harã, Abraão chega a Canaã e põe-se a serviço do deus local – *El* – adorando-o. Até aqui Abraão não fez senão comportar-se como qualquer homem de sua época, troca de deus ao trocar de país.

- *Acontece, entretanto, algo que parece único na história das religiões: esse Deus ao qual Abraão se dirige faz uma aliança com ele, num rito no qual lhe concede fecundidade como dom e fruto da promessa (cf. Gn 15,5-7.18; 17,1-14). Esse é o ponto de partida da fé para os filhos de Abraão: judeus, muçulmanos e cristãos.*

- Esse elemento é fundamental e destoante das tradições médio-orientais antigas: a forma de religião, baseada no *clã familiar* (Ex 3,6) escolhido livremente pelo *Deus único*, que com os primeiros pais faz uma *aliança* que perdura pelas gerações subsequentes, sem exigência alguma além da *fidelidade* ao Senhor, por parte dos eleitos, que dá à religião e à fé uma forte conotação histórica.

- O monoteísmo é original dos filhos de Abraão e constitui o forte elemento unificador da identidade desse povo através dos séculos.

O Êxodo – a experiência fundamental da religião de Israel



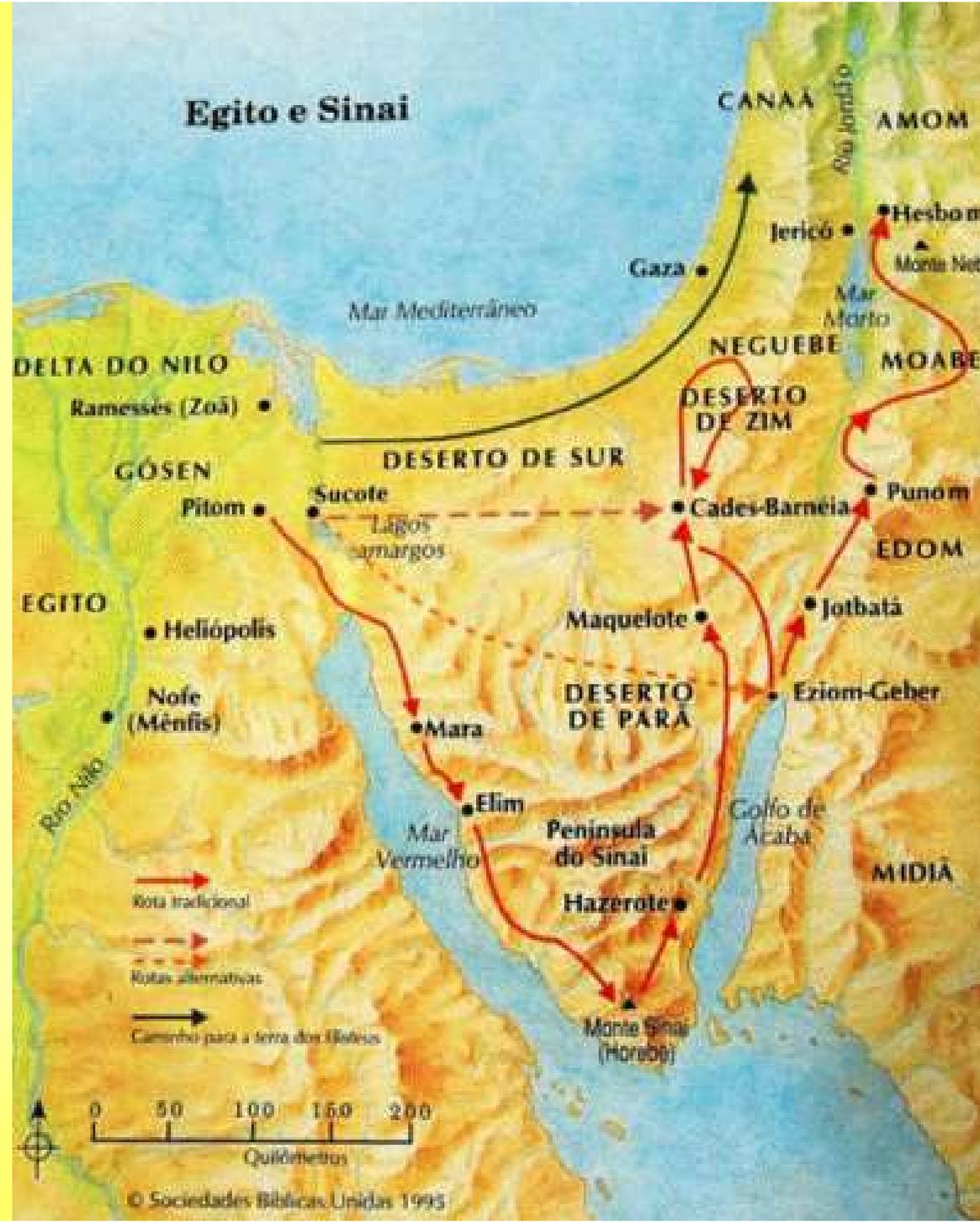
- Dentre os livros que encontramos na Bíblia, o Êxodo se destaca por contar a experiência mais significativa de Israel, o mais relevante contato com o Senhor Deus e seu amor misericordioso que gera sua própria identidade:

- Israel é o povo de Deus, povo que Ele mesmo conduz, retira da escravidão e leva à liberdade. Deus tira Israel do Egito e o encaminha para a Terra Prometida – da escravidão à liberdade – das trevas à luz.

- Divisão esquemática do Ex:
 - a) da opressão à libertação – Ex 1,1-15,21
 - b) a caminhada no deserto – Ex 15,22-18,27
 - c) Aliança no Sinai – Ex 19,1-24,18
 - d) organização do culto e prescrições – Ex 25,1-31,18
 - e) ruptura e renovação da Aliança – Ex 32,1-34,35
 - f) execução das disposições de culto – Ex 35,1-40,38

- Faremos uma rápida memória de como o Israel chegou ao Egito e como de lá saiu.

Egito e Sinai



José e o Egito

- Os capítulos de Gn 37-50 são como que o prólogo do livro do Êxodo. José, filho de Jacó (=Israel), o filho predileto, é vendido, por seus irmãos enciumados, a um mercador em direção ao Egito. Lá, foi vendido a um alto funcionário do Faraó e, entre as mais diversas peripécias, chega também ele à corte egípcia. Torna-se o encarregado de toda a administração imperial, assumindo o posto de vice-rei do Egito.

- No Egito, assim, fixaram-se os filhos de Jacó por um bom período de tempo, trabalhando na terra não como intrusos, mas como hóspedes bem-vindos. Verídica ou não essa narrativa, o fato é que o povo israelita foi para o Egito e lá organizou sua vida durante longos anos, pacificamente.

- Contudo, “*surgiu no Egito um novo rei, que não conhecera José*” (Ex 1,8). Esse novo rei, vendo a prosperidade israelita, imputa-lhe trabalhos forçados, altos impostos... começa a época da opressão de Israel no Egito.

Moisés

- Até mesmo a matança de recém-nascidos fora decretada para conter o aumento dos descendentes dos *hebreus*, os estrangeiros israelitas. Contudo, muitas crianças sobrevivem. Uma delas merece um destaque especial: *Moisés*

- Por matar um egípcio ao defender um israelita, é perseguido pelo Faraó, foge para a região de Madiã e lá começa uma nova vida (Ex 2,1-22).

- *“Passado muito tempo, morreu o rei do Egito. Os israelitas continuavam gemendo e clamando sob dura escravidão, e, do meio da escravidão, seu grito de socorro subiu até Deus. Deus ouviu os seus lamentos e lembrou-se da aliança com Abraão, Isaac e Jacó. Deus olhou para os israelitas e tomou conhecimento” (Ex 2,23-25).*

- Porém, Deus não quer fazer as coisas sozinho – ele quer ajudantes nessa empreitada. E vai atrás de Moisés, no deserto de Madiã...

Deus revela seu nome



“Eu sou aquele que sou”

“Eu sou aquele que é”

“Eu sou aquele que serei”

“Eu sou aquele que estou (aí, contigo)”

YHWH

IAHWEH, YAHWEH, JAVÉ, JEOVÁ

ο Κυριος

“ο Senhor”

O êxodo – o povo foge sob a guia de Moisés e a proteção do Senhor

- Moisés, após relutar com o Senhor (Ex 4,1-17), aceita a missão de conduzir os hebreus à liberdade. Procura Aarão e os anciãos de Israel para encontrarem-se com Faraó e pedir sua liberdade.

- O grande desafio de Deus e seu povo não é uma batalha contra os deuses egípcios (nem sequer mencionados no relato bíblico), mas seu maior obstáculo é a *dureza de coração do Faraó* (Ex 7,13.14.22;8,28;9,7.12.35;10,20.27), que não os deixa partir.

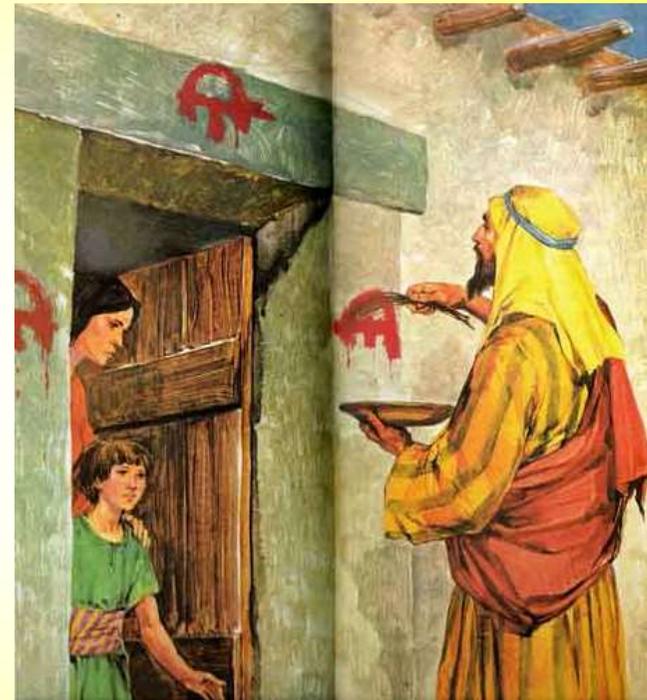
- O grupo dos israelitas, entretanto, não desanima – com a mão poderosa de YHWH e seus prodígios (Ex 7-12) eles saem da terra da escravidão.



- Antes da fuga do grupo de Moisés, é instituída a *Páscoa*, a principal festa religiosa de Israel, a memória da saída do povo da escravidão do Egito, a ser celebrada de geração em geração (Ex 12-13), marcada pela ceia do cordeiro (Ex 12,1-14) e dos pães ázimos (Ex 12,15-20).



- O sangue do cordeiro sacrificado, sob a porta da casa dos israelitas, era o sinal que fazia o *anjo exterminador* passar *adiante da casa* e não ferir os primogênitos. Nessa mesma noite o *povo saiu da terra para passar pelo mar a pé enxuto*. A derrota do Faraó na perseguição mar adentro (Ex 14,1-31) é obra da mão maravilhosa do Senhor! (Ex 15,1-13)



- O Êxodo é um acontecimento sempre vivo. Deve ser lembrado sempre, perpetuado de geração em geração. É a história de um povo a caminho, de um Deus que caminha com o seu povo. Depois da saída, da euforia da vitória sobre os egípcios... é preciso ainda caminhar.

A caminhada no deserto



- Israel enfrenta, agora, inúmeros desafios e dificuldades, em seu itinerário pelo deserto, rumo à Terra Prometida. Será este um processo de “educação para a liberdade”, que provocará rebeldia e murmurações, resultados da preferência por retroceder e acomodar-se à situação da escravidão, a ter que enfrentar os riscos, a empenhar-se e ser criativo, exigências para a formação da consciência de um povo livre.

- Tal como um pedagogo, Deus conduzirá, ensinará e acompanhará o processo de educação de seu povo para a vida, o processo de maturação de Israel, numa relação dialógica e amorosa.

O deserto na Bíblia

- Antes de se consolidar a Aliança de Deus com seu povo, este é conduzido ao deserto. O deserto é lugar de carências, de vazio, de dúvidas, de tentação. Deserto é sinônimo de crise, de preparação, de aprendizado, de renovação. É lugar de purificação, de tomada de consciência do projeto de YHWH e de renovação de uma geração para assumi-lo com fidelidade. É o lugar do encontro do homem com Deus.

- O deserto é, antes de tudo, risco positivo – pode tornar-se o lugar da intimidade e do diálogo. Deus, como pastor, guia seu rebanho pelo deserto (Sl 78,52). Os profetas veem o deserto como o momento do noivado do Senhor com Israel (Os 2,16-17).

- João Batista é, por excelência, homem do deserto. Ele se compreende como a própria “voz que clama no deserto: ‘Aplainai os caminhos do Senhor!’” (Jo 1,23).



- Também Jesus entende o sentido preparatório do deserto. Ele se retira para o deserto antes de iniciar sua missão messiânica. Nele, entra em profunda comunhão com o Pai e fortifica seu espírito.

- Deserto é, além disso, lugar de itinerância, de transição entre a escravidão deixada para trás e a Terra Prometida, que ainda não foi conquistada. No deserto, acampar e retomar a caminhada serão uma constante.

- Acostumados à escravidão, os hebreus não aprenderam a ser livres. O deserto será a grande escola da liberdade, onde eles aprenderão a ser responsáveis consigo mesmos, criativos para lidar com as necessidades da caminhada, perseverantes na sua fé.

Os desafios da caminhada

A falta de água e a sede

Ex 15,22-27.17,1-7

- No caminho de três dias pelo deserto, a sede aperta. O terceiro dia era considerado o tempo da intervenção divina (Ex 19,10-11). A água é fundamental para a vida, é considerada bênção de Deus (Os 14,6; Sl 133).

- O povo murmura, pois a água é amarga, *Mara*. Moisés, então, intercede pelo povo, e o Senhor o escuta. Há aqui uma crise de liderança: o povo é posto à prova, bate a dúvida; mas Deus mostra que está presente junto a seu povo – na figura de seu pastor Ele continua a caminhar com Israel.

- O povo discute, *Meriba*, põe Moisés e, nele, o poder do próprio Senhor, à prova, *Massa*. Israel faz sua reflexão sobre a própria caminhada através das provações sofridas. E aí, “*O Senhor está no meio de nós, ou não?*” (Ex 17,7).

- Na tradição judaica, a rocha acompanhará os israelitas em toda a sua peregrinação no deserto. YHWH é o rochedo (Sl 18,3). Ao lado do símbolo da rocha, também o cajado ou bastão usado por Moisés tem lugar proeminente – simboliza o poder divino, que age por meio dele para proteger Israel (Ex 7,17;9,23;10,13;14,16;17,5;17,9).

A fome e a tentação do acúmulo
Ex 16,1-35

- Os fugitivos foram se ajeitando como dava, na nova realidade em que se encontravam. Agora há a escassez da comida. Recomeçam os murmúrios. O sofrimento do momento distorce a memória do passado. O Egito, lugar da dura opressão, agora, no deserto, vira o lugar da fartura, da carne e do pão – parece que o povo sente saudade da escravidão e tem medo da liberdade.

- As *codornizes* eram aves migratórias que, ao voltar de um certo período na Europa, exaustas, eram facilmente abatidas por homens e animais na região desértica entre o Egito e Canaã.

- O *maná* era um alimento mais curioso (“*Man hu?* Que é isso?” – Ex 16,15), que pode ser explicado de duas formas plausíveis: 1) era a resina de uma árvore existente na região central do Sinai, parecido com uma semente de coentro. Colhido, era moído cozido e servia para o preparo de bolos; 2) era uma secreção de insetos que se alimentavam da resina de uma árvore típica da região.

- O importante aqui é, contudo, destacar que o povo de Deus revê e relê nesses fatos a providência especial de Deus para consigo.

- Contudo, uma tentação ronda e é preciso tomar cuidado: o *acúmulo*. A colheita do maná devia obedecer a uma distribuição igualitária: todos tinham direito a igual porção, de tal modo que não faltasse para ninguém e nem sobrasse de ninguém. Em vista disto, era proibido acumular qualquer excedente que produzisse o senso de posse e desigualdade. Era assim no Egito. Não deve ser assim em Israel.

- A colheita do sexto dia marca uma nova etapa da vida dos israelitas: o *sábado*, o dia do descanso, deve ser consagrado ao Senhor e não absorvido em tarefas e trabalho. O sábado simboliza a passagem de uma vida escrava a uma vida livre, em que o ser humano tem o direito de se refazer do trabalho cotidiano. O mundo da técnica e do lucro cria a imagem ilusória do mundo que “nunca dorme”, que gera o lucro desmedido e a miséria irremediável.

O conflito externo
Ex 17,8-16

- O combate de Israel contra Amalec deu-se na entrada do grupo de Moisés nas divisas do território cananeu – uma hostilidade que atrasa o projeto da tomada da Terra Prometida. Mas aqui também a mão do Senhor se manifesta.

- Havia, antes, dificuldades internas ao grupo – murmurações e dúvidas quanto à presença do Senhor, seu projeto de libertação e a liderança de Moisés. Agora surge um novo problema: um inimigo externo. Dissemina-se entre o povo peregrino o sentimento de pertença, a identidade como tal. Sem isso, não é possível enfrentar o inimigo. YHWH, o Deus da caminhada, liberta e protege seu povo.

- Essa concepção de *guerra santa* se dá a partir da mentalidade da lei do puro e do impuro e do combate à idolatria, centro de preocupações da religião judaica nascente à época da redação do texto bíblico (pós-exílio babilônico). Exterminar o inimigo é remover a impureza do meio de Israel. É essa visão fundamentalista que legitima o massacre.

- Preconceitos devem ser colocados à parte: o Senhor, Deus da liberdade, é também um Deus de paz. Não a *pax romana*, baseada na dominação e extermínio dos povos, mas o *shalom*, a plenitude de todos os bens. Deus quer que superemos nossas diferenças étnicas, culturais, econômicas... e construamos um mundo de iguais, respeitando a individualidade característica do espírito humano.

- Uma coisa já começa a se delinear nesse episódio – há o espaço da *ação* e o espaço da *oração*. Uns lutam, outros rezam – as funções devem ser divididas, partilhadas. Um ajuda o outro e o inimigo, seja qual for, é derrotado. A bandeira do Senhor é a união das forças!

As relações familiares
Ex 18,1-12

- A unidade social básica era o *clã*, uma espécie de família ampliada, constituída de duas ou mais famílias com várias gerações. Uma casa chegava a ter entre cinquenta e oitenta pessoas. Todos os membros participavam ativamente das diferentes tarefas da subsistência e da manutenção da casa.

- Infelizmente, esse modelo social gerava desigualdades, era altamente excludente. A maior vítima de tal exclusão era a mulher, subordinada direta e totalmente a seu pai ou marido, como posse sua. O papel público da mulher inexistia.

- Os homens entram na tenda e oferecem sacrifícios a Deus (Ex 18,12), mas ficam de fora a mulher e as crianças – são impuros. O sistema patriarcal e teocrático marginaliza a mulher. Sua função se restringe a pastorear rebanhos, buscar água nos poços, cozinhar, tecer, ajudar nos partos e satisfazer as necessidades sexuais dos homens. A lei, que deveria unir, divide, subjuga, escraviza.

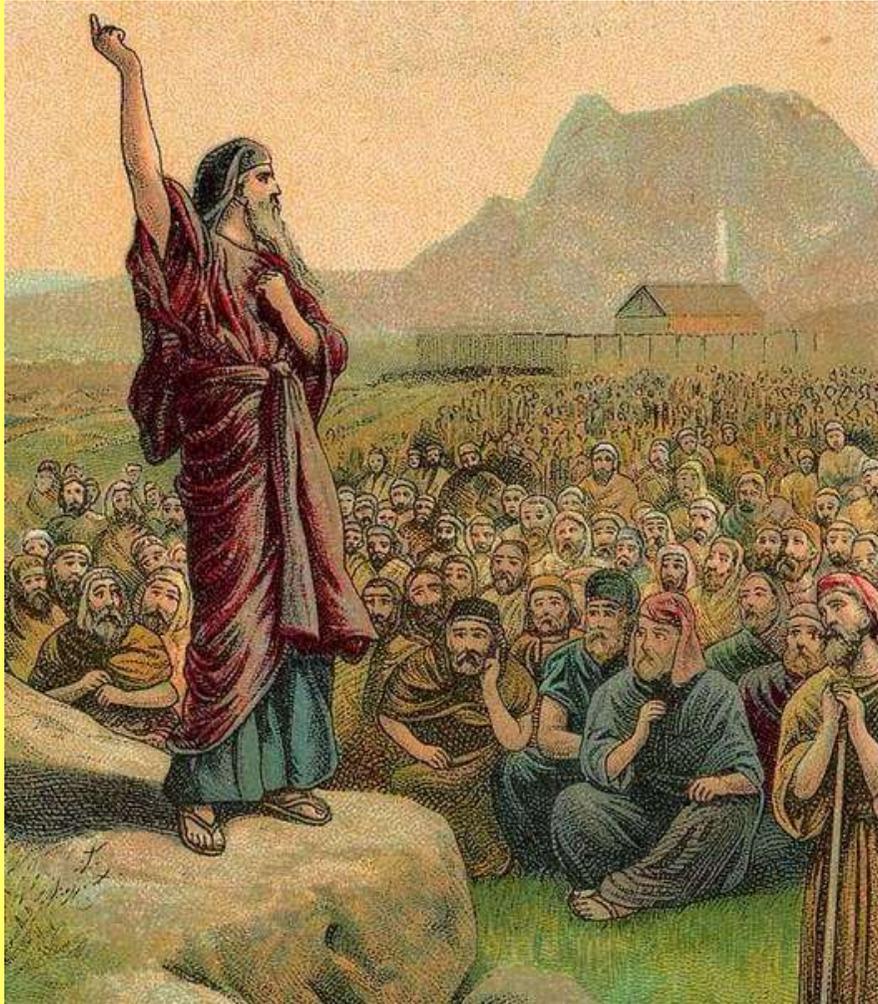
- Deus, no princípio, criara homem e mulher complementares entre si: a mulher é retirada da costela do homem (Gn 2,22), simbolizando sua igualdade – eles devem caminhar lado a lado, pois ambos são imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27)!

A descentralização do poder
Ex 18,13-27

- Moisés era o homem de Deus (Dt 34, 10-12). Seu chamado ímpar não significava, contudo, que deveria assumir sozinho as responsabilidades de organização e provisão das necessidades do povo israelita. O velho sogro de Moisés dá a ele uma preciosa dica: dividir as tarefas, partilhar o poder.

- A voz da experiência de Jetro começa a promover a autonomia do povo: o poder dividido, a responsabilidade compartilhada leva a um maior compromisso com a causa da libertação. Cada grupo e, assim, todo o povo, passa a ser responsável por suas próprias decisões, pelos caminhos escolhidos, pelos rumos tomados.

- A justiça é o critério básico do bom servidor do povo de Deus, daquele que caminha à frente de seus irmãos, mostrando o caminho de Deus, caminho de vida e liberdade, partilha e justiça, fé e comunhão.



*Israel:
povo
eleito,
povo da
Aliança*

- A *eleição* é expressão do amor de YHWH (Dt 4,35-38; 7,6-8), é promessa de Deus e responsabilidade humana (Ex 19,4-6). Por ele, Israel se torna povo consagrado (Dt 14,2), propriedade de Deus; por isso, deve reconhecer somente o Senhor como Deus e guardar seus mandamentos (Ex 15,26; Dt 4,39-40;7,11).

- A eleição comporta uma promessa, ratificada numa Aliança: com Noé (Gn 9,9-11), com Abraão (Gn 15,18;17,4), com Moisés e o povo de Israel (Ex 24, 1-11). Cada uma tem seu próprio sinal visível: o arco nas nuvens (Gn 9,13), a circuncisão (Gn 17,10-11), a Arca e as tábuas da Lei (Ex 25,10-22).

- Após receber as instruções da Lei (Ex 20,1-17;21,1-23,33), Moisés e o povo celebram a Aliança com YHWH pelo rito da aspersão do sangue do holocausto e pelo banquete do sacrifício (Ex 24,3-11). Essa instituição perene se fará na história e na memória de Israel.

- A Aliança não deve ser encarada como mero gesto simbólico ou ritual. Não pode ser esvaziada em um código legislativo como qualquer outro. A Lei do Senhor é “lâmpada para os pés e luz para o caminho” (Sl 119,105) de Israel, gravada nos corações e transmitida a todas as pessoas em todos os lugares e tempos (Dt 11,18-21).

- À ideia de povo eleito não se pode ligar a de “único povo”, uma exclusividade. Israel é nação santa e sacerdotal como sinal para as nações, como luz de fé no Deus verdadeiro, para todas as nações (Is 42,6).

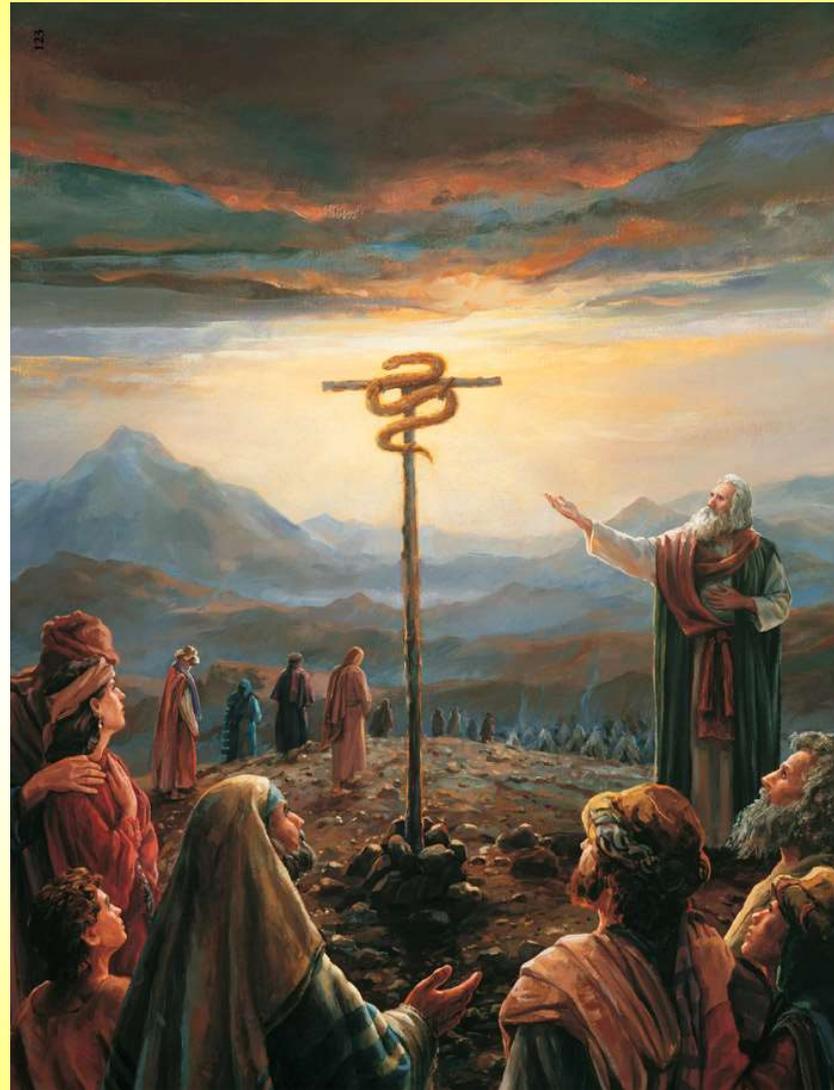


O pecado contra o Senhor: a idolatria



- O grande perigo do encontro cultural cananeu e israelita é o sincretismo religioso. Os escritores sagrados querem evitar a substituição do Deus por um ídolo (falso deus), têm a preocupação de defender o monoteísmo da fé de Israel em YHWH. O risco da idolatria é grande na região devido aos cultos de fertilidade amplamente realizados em honra de Baal e Astarte.

- Ex 20,4-5
- Ex 25,17-21
- Nm 21,6-9



- O sentido das imagens cristãs está na linha da serpente de bronze, segundo a explicação dada em Sb 16,7: *“quem se voltava era curado, não por aquilo que via, mas por ti, salvador de todos”*. Nos sinais da história dos homens, o grande desafio é reconhecer a mão salvadora do Senhor. É a vida humana, mas a graça provém só do Senhor.